

## Do Capitão de Mar aos Músculos de Adonis: O Remo rasgando as baías da Ilha de Santa Catarina primeira metade do século XX

CARINA SARTORI\*

O esporte e a ginástica, como prática civilizadora, coadjuvante da formação dos jovens e do embelezamento dos corpos na conquista de um povo forte, foi uma das estratégias utilizadas nas políticas modernizadoras, ligadas à idéia de progresso, aos processos de urbanização, industrialização e educação do corpo físico em todo o mundo ocidental, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX<sup>1</sup>. O ideal do “homem novo” despertou a política dos corpos. Corpos saudáveis para a nação. No Brasil, no final do século XIX, com a Proclamação da República, abre-se o ciclo modernizador. As atividades esportivas são extremamente palpitantes, noticiadas com grande entusiasmo nas colunas dos jornais, como signo dos tempos modernos. Era a celebração do corpo, dos músculos, da ação, do incremento da produtividade, da nação jovem<sup>2</sup>.

Na capital catarinense o Remo foi – e ainda é em certo sentido – o lugar ou o território de grupos competidores, representantes das pulsões evocativas da vida da cidade. Os diversos clubes promotores dessa territorialidade tiveram significados importantes na condução da civilidade, da animação cultural, da visibilidade social, bem como das redes de amizade e sociabilidade que transcendem o âmbito do tempo-espaço do esporte e do lazer, atingindo relações políticas, econômicas e sociais.

As regatas, no auge de sua história, entre as décadas de 1920 e 1940, eram grandes acontecimentos. Uma regata chegava a atrair 6.000 pessoas, entre atletas, sócios dos clubes, políticos, autoridades, torcedores e público em geral, numa “cidadezinha” que contava em 1900 com cerca de 15 mil indivíduos e em 1940, com a incorporação dos demais bairros, 25 mil habitantes<sup>3</sup>. Os remadores dos Clubes Náuticos Martinelli (fundado em 1915), Riachuelo (1915) e Aldo Luz (1918) com seus corpos cheios de

---

\*Mestranda em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>1</sup>ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* – Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

<sup>2</sup>SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole* – São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>3</sup>Deve-se destacar que o efetivo da população de Florianópolis foi conhecido a partir de 1940, com o censo atingindo as regiões que não compunham o perímetro urbano da cidade.

saúde e juventude, abriam veias nas águas da Baía Sul e Norte. As senhoritas da cidade apresentavam-se impecáveis, às vezes com uniformes de torcida organizada, nas muradas protetoras da cidade ou no Trapiche Beira-Mar<sup>4</sup>. A orla da cidade marítima, na Baía Norte<sup>5</sup>, se tornava, nessas ocasiões, espaço de encontro das tradicionais famílias de Florianópolis, torcendo por seus filhos que prometiam um futuro de glamour para a sua descendência sadia.

*Ano de 1861, Comunicação-os<sup>6</sup>o Sr. Capitão de Mar e Guerra*

O mar foi o principal lugar de serviço para os moradores da capital - pesca, extração, despejo e meio de comunicação<sup>7</sup>.

Na segunda metade do século XIX, em frente à praça XV, havia a praia da Praça Central, que percorria quase toda a rua do Príncipe e terminava na Augusta, atual João Pinto, construindo uma propícia enseada para a navegação do comércio. Ali, que “abicavam as canoas que dos diversos pontos da ilha e do continente próximo traziam gêneros para expô-los a venda, em esteiras desdobradas ao longo das areias”<sup>8</sup>. Pessoas, animais e cargas cortavam a Baía Sul. Ela, que se estendia do extremo do Estreito, Forte Sant’Anna, e chegava ao Zé Mendes, era a principal e a mais animada pista marítima. Os murmurinhos podiam ser ouvidos do alvorecer ao meio-dia, pois à tarde o ar se tornava mais triste, e a noite trazia consigo a melancolia.

---

<sup>4</sup>NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar – Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*. 255p. Tese de Doutorado, PPGH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

<sup>5</sup>Sabe-se que entre as Baías Norte e Sul havia diferenças em suas visualidades. A Baía Norte ficou conhecida, no início do século XX, como a reprodução da baía de Nápoles, com seus casarios e famílias importantes; o Sul, por abrigar inúmeros trapiches, vendedores de peixes e comerciantes, tinha carregado em seu ar o mau-cheiro. Cf. VARZEA, Virgílio. *Santa Catarina*. A ilha. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985. pp23-42.

<sup>6</sup>Parte deste título compõe a nota *Noticias*, que circulou no jornal O Argos de 6 de novembro de 1861. Manteve-se a grafia original.

<sup>7</sup>FERREIRA, Sergio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

<sup>8</sup>CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: 1. Notícia. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979. p.85.

Desterro, por suas Baías, sentia também as ondas do progresso, “de um progresso lento, mas de certa maneira constante”<sup>9</sup>. Embarcações que rumavam para o Sul do país ou vice-versa, faziam da ilha seu ponto de descanso ou abastecimento, carregavam, além de comércio, informações dos portos do Rio de Janeiro, do Rio Grande, de Buenos Aires e da Europa.

Hontem chegou o vapor *Imperador* de linha intermediária. As noticias que nos trouxe da corte são posteriores a que tivemos pelo vapor de guerra *Belmonte*, que seguiu para o Rio-Grande. Tivemos os jornaes de Santos e de Coritiba, nelles nada encontramos de maior interesse.<sup>10</sup>

Assistindo o ir e vir de notícias e pessoas, a sociedade desterrense e “sua população aumentava e as classes sociais se distanciavam e se definiam – mais fechada ficava a sociedade”<sup>11</sup>. Os principais membros políticos, também responsáveis por manter a ordem na capital catarinense, eram Tenentes da Marinha, Militares e alguns doutores. Muitos destes homens haviam sido transferidos por decretos reais<sup>12</sup> e outros, que navegavam nas Esquadras, aportavam e aqui ficavam para garantir a segurança do reino. Para estes homens e suas famílias, que constituíam uma sociedade em ascensão que se regulava pelo figurino vigente nos grandes centros, organizou-se uma pequena estrutura de lojas de “fazendas de gosto, isto é, próprias para gente de bom gosto, para gentes com partes de chic, elegante”<sup>13</sup>. É nesta sociedade que se organizaram os entretenimentos privados, com partidas dançantes e reuniões políticas. Geralmente ocorridos em duas ou três vezes na semana e em Clubes ou em casas de famílias.

Entre os Clubes, o *12 de Agosto* se destacava. Por volta de 1872 era possível encontrar os moços da mais alta expressão desterrense, como Estevão Pinto da Luz, Idelfonso Marques Linhares, Artur Alvim e João de Souza Siqueira. Já o *Clube Concórdia*, pouco se sabe de sua trajetória, apenas que uma de suas sedes ( por volta de 1910) seria num prédio no entorno da Praça XV no Edifício João Moritz, também promovia festas e reuniões políticas.

---

<sup>9</sup>Idem, p.365.

<sup>10</sup>*Chegada*. O Argos. Desterro, 15 de 9brº de 1861.

<sup>11</sup>CABRAL, O. R. *Nossa Senhora do Desterro*: 2.Memória. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979. p. 19.

<sup>12</sup>CABRAL, O. R. 1.Notícia, op.cit..

<sup>13</sup>Idem, p.319.

O início da década de 1860 não trouxe boas notícias a capital. Problemas no comércio interno, questão de impostos, e disputas políticas na casa legislativa deixaram rugas na sociedade desterrense. O Império se via as pressas com a questão Christie, ocorrida no porto do Rio Grande. Logo, para aliviar as tensões políticas e econômicas, promoveu-se um entretenimento à ‘nova’ sociedade desterrense...

«A sociedade de – Regatas- acha-se organizada, tendo sido eleitos, Director, o Sr. Capitão do Mar e Guerra Sabino, Vice-Director, O Sr. 1º Tenente Menezes, e o Thesoureiro o Sr. Netto. Achão-se inscritos 50 sócios, e o 1º Divertimento deve ter lugar no 3º Domingo deste mez. Alguns escalares do Sr. Wencesláu, um do Sr. Sabino e os da capitania do Porto, Companhia de Menores e Patocha *Activa*, é que vão correr.»<sup>14</sup>

Apesar de pequena a nota do jornal, a sua importância era tamanha. Desterro e a província passariam a ter a primeira Sociedade de Regatas organizada pelas altas patentes da marinha nos idos de 1861. Apresentada como entretenimento, as regatas se realizariam em novembro daquele ano e teriam apenas a participação dos marinheiros e demais capitães do mar. Os escalares<sup>15</sup> e as baleeiras, identificados com galhardetes<sup>16</sup> nas cores roxa, encarnado, branco e com os nomes, foram divididos em páreos pela Diretoria; juizes de páreos: Diretores - Joaquim Sabino da Silva e José Hypolito de Menezes; Juiz da Partida - o Sr. Manoel Moreira da Silva; Juizes da Chegada - os Srs. Feliz Lourenço de Siqueira e Thomas Pedro Bittencourt Cotrim.

Directoria da Sociedade – Regata- tem-se mostrado incansável para por em pratica no dia fixado (domingo 17 do corrente) o entretenimento (...). Desfructaremos todos esse bello espectáculo, que virá interromper a insipidez q’ effectivamente experimentamos<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup>*Notícias*: Comunicação-os o seguinte. Anno V. Desterro – Sexta-Feira 6 de 9brº de 1861. Nº828. O ARGOS – Da Província de Santa Catarina. Manteve-se a grafia original do jornal.

<sup>15</sup>Os escalares são embarcações a remo e a vela, de proa fina e popa quadrada. Possuindo de três a seis bancadas podendo ser de voga ou de palamenta. Os escalares de voga são aqueles que possuem dois remos por bancada, já os escalares de palamenta são aqueles que possuem apenas um remo por bancada. Os escalares inicialmente eram usados para serviços leves no porto, possuindo um casco construído de madeira em um tipo de construção chamado de costado trincado, com as tábuas de madeira sendo colocadas sobrepostas umas as outras.

<sup>16</sup>Tipo de bandeira personalizada.

<sup>17</sup>Sem título. Desterro – 15 de 9brº de 1861. O ARGOS – Da Província de Santa Catarina. Manteve-se a grafia original do jornal.

A Praia de Fora se tornou o local apropriado para o tão esperado entretenimento do ano de 1861. Porém, não veria os páreos serem realizados em suas águas. O vento de novembro foi traiçoeiro, vento-sul, e no dia e hora marcados pela Diretoria da Sociedade de Regatas, foram as águas do Menino Deus, com sua Enseada, quem acolheu.

Por estar um pouco forte o vento pelo lado do norte, não teve lugar a corrida dos pareos na Praia de Fora, e sim na pequena Enseada da rua do Menino Deos, lugar menos próprio para ser em convenientemente apropriadas as corridas pelos espectadores; mas enfim, em tal caso foi o mais azarado. As 4 horas da tarde, de domingo, subiram ao ar vários foguetes, e a este sinal o povo foi ocupando toda a extensão da rua do Menino Deos, desde a ponte do Vinagre até o adro da Capella do mesmo Orago. O mar estava bem provido de lanchas, escalares, canoa &, todos em bandeiras; aquellos que não fazião parte dos pareos, cheios de espectadores de ambos os sexos: cada um dos pareos estava com a sua guarnição elegantemente uniformisada, tendo a ré o estandarte nacional e avante o respectivo signal com a competente inscrição em bellos caracteres dourados. Tudo se achava na melhor ordem e regularidade, e dirigido por hábeis profissionaes.<sup>18</sup>

Ao final, na tarde do dia 17 de novembro de 1861, houve um baile oferecido aos sócios.

Da Sociedade de Regatas organizada pelo Capitão de Mar e Guerra, Sr. Sabino, para amenizar o tumultuado ano de 1861, nada mais se soube. Maury Dal Grande Borges e Henrique Litch<sup>19</sup> comentam sobre uma segunda regata que ocorreu no ano seguinte, mas não foi possível chegar a uma conclusão da realização deste entretenimento. O fato é que a cidade de Desterro, muito provavelmente, por receber Capitães de Mar, marinheiros e ‘progressos indos e vindos’, recepcionou em algum de seus trapiches das Baías Norte ou Sul o entretenimento para “romper a insipidez”, do ano de 1861, e alegrar a nova sociedade desterrense “de partes chics, elegantes”. Um profundo silêncio se fez nas Baías da Desterro, sendo quebrado apenas meio século depois...

---

<sup>18</sup>Notícias: A Regata. Desterro – Segunda-Feira 19 de 9brº de 1861. O ARGOS – Da Província de Santa Catarina. Manteve-se a grafia original do jornal.

<sup>19</sup>BORGES, Maury Dal Grande. *Remando nas águas da história*. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 2002; LICHT, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: Corag, 1986.

*Salve Pátria! Salve os Clubes Náuticos...*

O regime republicano que atingiu a Província foi recebido com poucas desavenças. Agora era a vez do Estado Federativo de Santa Catarina. A capital, descrita outrora por Várzea como “reprodução perfeita, mas em ponto pequeno, da baía de Nápoles”<sup>20</sup>, transformara-se em Florianópolis. Outra fisionomia estava se desenhando “Florianópolis uma adolescente, que ensaia as suas primeiras garradices arquitetônicas, construindo os seus primeiros bangalows, disseminados, numa posição um tanto sem métodos”<sup>21</sup>. Os bairros residenciais com suas chácaras, na Praia de Fora e Mato Grosso, região da Baía Norte, passaram a se comunicar com o bairro da Figueira, o entorno da praça XV de Novembro, através da Avenida Trompowsky e da rua General Bittencourt<sup>22</sup>.

Os comércios em torno da rua Dos Moinhos de Ventos, atual Felipe Schmidt, cresciam com toda a força. A Ilha do Carvão, hoje em baixo da escadaria da ponte Colombo Salles, servia como porto de abastecimento para os vapores. Famílias, como os Savas, Kotzias e os Hoepcke<sup>23</sup>, construía seus comércios e estabelecimentos as margens da região do Rita Maria nas primeiras décadas do século XX. Na década de 1910, além do comércio, construções e novos eixos viários, a cidade viria o mar transformar-se num palco. Os personagens da peça: os *rowers*, a direção – os Clubes, e o público - a população.

Nascido na região da Rita Maria em 11 de junho de 1915, adotando as cores azul e branco, o Clube Náutico Riachuelo “com a grandeza da sua história/fulgura a força”<sup>24</sup> carrega uma homenagem a Batalha do Riachuelo. Ocorrida no ano de 1865, num afluente do rio Paraguai, diante da Guerra que o Império brasileiro e sua aliança com Argentina e Uruguai travariam com a nação paraguaia.

Narrando fragmentos da história do clube, em inúmeras notas publicadas durante parte da década de 1910 e 1920, o jornal *O Estado* conta como os “riachuelinos” se

---

<sup>20</sup>VARZEA, V. Op.cit., p.38 e 39.

<sup>21</sup>VEIGA, Elaine Veras. *Florianópolis: Memória urbana*. Florianópolis: Ed. da UFSC e Fundação Fracilín Cascaes, 1993. p.114-115.

<sup>22</sup>Idem, p.112-113.

<sup>23</sup>TESKE, Oscar. Entrevista concedida a Arthur F. da Silveira e Carina Sartori. Florianópolis, 06 de maio de 2009.

<sup>24</sup>Hino do Clube Náutico Riachuelo, publicado no jornal *O Estado* de 21 de fevereiro de 1919.

socializavam através das regatas. Promovendo festas e encontros que ocorriam, geralmente, no *Clube 12 de Agosto* e se apresentavam movidas a danças, orações, cantos de amor e jantares. Eram nestas ocasiões que as homenagens aconteciam aos valorosos *rowers* e suas *yoles*, as quais recebiam quase sempre nomes com a inicial *J*, como a *Juriti*. Estes valorosos *sportmans* eram merecedores de inúmeras honras, pois era pelos bravos corpos dos fortes remadores que se construiria a popularidade da prática do esporte.

#### Azul e branco

Brilhantíssimo esteve o Chá Concerto que as gentis e graciosas torcedoras do symphatico Club Náutico Riachuelo offereceram no dia 11 aos associados desse club nos salões do velho Clube 12 de Agosto.

A festa teve inicio as 19 horas com o hateamento da flammula *azul e branco*, com que as torcedoras mimosearam o club, orando, nesta ocasião a distincta senhorita Zoé Mesquita, que, na sua galampte allocução explicou os motivos d'aquella festa e entregou à guarda dos «rowers» do Riachuelo a flâmula que acabava de ser hasteada, sendo em seguida cantada por um grupo de senhoritas...<sup>25</sup>

No mesmo ano em julho, no café do Sr. Farinhas, na esquina da Praça XV, se debatia a ideia da fundação de um novo Clube. No dia 31, do mês que se apresentava, no *Clube Concórdia* fundava-se o Clube Náutico Francisco Martinelli. Carregando a cor encarnada e âncora preta no peito, a “família martinellina”, como muitos se referiam aos jovens que se associaram ao encarnado, se abrigariam na Praia do Garcia, situada na região da Praia de Fora. O Clube homenageava o jovem guarda-marinha Francisco Martinelli que “triunfara em toda a sua carreira: que subira os degraus por esforços próprios, maravilhando seus amigos, enternecendo seus mestres, enchendo de lágrimas doces os olhos da dolorosa velhinha Martinelli”<sup>26</sup> e “não fugistes ao teu destino: talento, coração, grandeza e morte honrosa!”<sup>27</sup>. Iniciando com *I*, a primeira *yole* se chamou de *Irajá*. Em seguida veio *Irará*.

As festas promovidas pelas jovens torcedoras “martinelinas” não perdiam em nada para as do Riachuelo, segundo as notas no jornal da época. As festas ocorriam na

---

<sup>25</sup>*Azul e branco*. Jornal O Estado 14 de junho 1918; *Pelo remo*. Jornal o Estado 25 de abril 1918.

<sup>26</sup>FILHO, Barreiros. Revista Ilustrada. Março de 1920.

<sup>27</sup>Idem.

sede do *Clube Concórdia* e a própria associação do Clube se encarregava de publicar, n' *O Estado*, as chamadas convidando as “famílias martinelinesas” e seus associados para os gloriosos eventos.

C.N.Francisco Martinelli

A senhorita Dóra Pederneiras, gentil madrinha da nossa primeira yole, e as suas amiguinhas, que fizeram parte da Comissão de ornamentação e tano contribuíram para o brilhantismo de nossa festa inaugural, os nossos mais sinceros agradecimento,  
Florianópolis, 1 de agosto de 1917.<sup>28</sup>

Se o ano de 1915 marcara novos rumos para uma prática do remo na cidade de Florianópolis, em 1916 a mocidade riachuelina organizava os seus primeiros páreos em disputa a Taça Felipe Schmidt, homenagem ao Governador do Estado.

O Club Nautico Riachuelo, em homenagem ao dr. Felipe Schmidt, governador do Estado, Realizará hoje, na Bahia do sul de Florianópolis, caso o tempo permita, uma auspiciosa regata, composta de três pareos.<sup>29</sup>

Enquanto a Taça Felipe Schmidt fazia a mocidade se apaixonar pelo remo, o ano de 1917 deixara marcas de “desintelligencia”<sup>30</sup> para os páreos de novembro. Parece que toda a confusão se deu devido as *yoles* que foram compradas pelos clubes Riachuelo e Martinelli, produzidas pelo senhor Jank, no Rio de Janeiro, que chegou pelo paquete *Anna*, da empresa Hoepcke, em 12 de setembro do mesmo.

Entre anos de 1915 a 1918, o Clube Náutico que esteve à frente da organização dos ‘piqueniques marítimos’ foi o Riachuelo “250, 300 metros da chegada, então a banda soltava lá um dobrado, né, e isso empolgava muito, enquanto os navios que estavam no porto, da firma Hoepck, ficavam adernados de tantos torcedores, que ali não tinha vaga no cais para assistir, eles recorriam ao navio. Então era uma torcida muito participativa, inclusive uniformizada, as moças usavam uniformes de seus clubes, ou senão, algum adereço também”<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup>C. N. Francisco Martinelli. *Jornal O Estado*. Florianópolis, 02 de agosto de 1917.

<sup>29</sup>*As regatas de hoje*. *Jornal O Estado*. Florianópolis, 12 de novembro de 1916.

<sup>30</sup>*Pelo Desporto*. Florianópolis, 25 de outubro de 1917.

<sup>31</sup>SILVEIRA, Manoel. Entrevista concedida a Arthur F. da Silveira. Florianópolis, sem data.

O ano de 1918 é aberto com as regatas de abril corridas entre os Clubes Riachuelo e Martinelli. Para a propaganda dos páreos, o jornal *O Estado* dedicou uma página inteira narrando à importância do evento e a sua prática para a formação de um corpo saudável e de uma raça de músculos gregos. O discurso do físico saudável e disciplinado era a incorporação das práticas culturais, que criava espaços sociais, mostrando as distinções de classes, através da educação, dos “músculos de Adonis” e da assimilação das condutas de *politesse* próprias dos tempos modernos.

Os aficionados do esplêndido *Sport* do remo têm, hoje, com a realização da grande prova do dia, motivos bastos para dizerem, a sociedade, as qualidades dos *rowers* catarinenses. Muitos há que, até esta data, julgaram utópicos os sonhos de empreendimentos como os que hoje se realiza para o supremo Gaudio de beneméritos visionários que seguram, para a geração moderna, o apogeu de uma raça forte, pura, inconfundivelmente sã e que só poderá ser encontrada nos centros desportivos. O remo é um dos que mais sobresaem e mais aperfeiçoam o organismo, dando-lhe a expansão extrema da emfibratura muscular que imperou nos tempos áureos de uma época que se foi e que, como um soberbo ensinamento, dicta, nesta época de requintados evangelhos, a apotheose dos músculos de Adonis.<sup>32</sup>

Durante as regatas de abril são lançadas pequenas campanhas, apoiadas pela *Revista Ilustrada*, *O Estado* e outros órgão de publicidade, como “Qual o mais querido dos clubes náuticos de Florianópolis?”<sup>33</sup>, vencido pelo Martinelli; “Qual o Remador mais apreciado na Federação Catharinense do Remo?” e “Qual a Rainha do Esporte Náutico Catharinense?”. A história dos concursos e seus vencedores podem ser lidos nos escritos do senhor Luiz Oscar de Carvalho<sup>34</sup>, um “martinellino” que deixou inacabado o livro sobre a história do seu Clube.

Os “aldistas”, ou alditinos, abriram suas portas no mesmo ano das regatas de 1918. A fundação do Clube se confunde com a organização da Confederação Catarinense do Remo<sup>35</sup>. Os senhores “Aldo Luz, Ary Tolentino e Edmundo Simone,

---

<sup>32</sup>As regatas de hoje. Disputas do Campeonato de 1918. Jornal O Estado. 21 de abril de 1918.

<sup>33</sup>Qual o mais querido dos clubes náuticos de Florianópolis? Jornal O Estado. 27 de maio, 09 e 16 de junho de 1918.

<sup>34</sup>Luiz Oscar de Carvalho nasceu em 1893 e esteve na secretaria do Clube Náutico Martinelli durante a década de 1920. Em suas memórias, chamadas de *Clichês* ele narra as campanhas que o clube promovera para garantir a manutenção de seus *sportmans*.

<sup>35</sup>Inicialmente dominada de Confederação Catarinense de Remo e com data de fundação em 23 de janeiro de 1919, por proposta do Clube de Regatas Florianópolis (atual Aldo Luz). Em 1923 o Dr. Fulvio Aducci, então presidente da Confederação, apresentou proposta que mudaria o nome para Liga Náutica de Santa Catarina. Na ocasião a Liga, contava com as filiações de Clubes da região de Florianópolis, Laguna, Itajaí, São Francisco do Sul, Blumenau, Joinville e Porto União. Cf. BORGES,

tiveram a idéia de fundar, mais um club náutico, com o nome de Club de Regatas Florianópolis” é “digno gesto desses três moços, pois é de intera necessidade mais um clube náutico, para poder em Florianópolis formar uma federação.”<sup>36</sup>

A ata que fundou o Clube de Regatas Florianópolis, em homenagem a capital, foi assinada em 05 de dezembro de 1918. Mas em maio de 1919, os dirigentes em reunião extraordinária, na Junta Catarinense Republicana, alteraram o nome para Aldo Luz, em homenagem ao presidente e amigo falecido na cidade do Rio de Janeiro prematuramente. A cor escolhida para representar o clube saiu da bandeira do estado de Santa Catarina, as cores vermelha e branca.

O traçado da orla e seus amontoados de pedras constituíam pequeninas enseadas e praias que foram redesenhadas para abrigar os espaços de disputas do remo. Muitos destes pedaços de areia passaram a receber nomes de famílias e, às vezes, eram chamados pelas identidades dos Clubes de remo. Os senhores da região da Rita Maria eram os “riachuelinos”, e assim foram abraçados por seus moradores e comerciantes que ali construíram suas vidas “tem os Müller, os Mundi, é...os Cardoso, lá da parte do Jorge Trilha, a família da senhora dele, o próprio Trilha ali e, também aquelas famílias que residiam na, na Rita Maria ali pra cima e tal, lá para o lado da praia de Fora também”<sup>37</sup>.

A entrada da década de 1920 é marcada pela “febre” reformista. Em Florianópolis, o espaço urbano é radicalmente remodelado. A ponte Hercílio Luz tem seus primeiros pilares erguidos; começam as obras de instalação das primeiras redes de água, esgoto, incinerador de lixo, energia elétrica, canalização do rio da Bulha; pavimentação e ajardinamento; demolição dos cortiços, alinhamento de ruas, os primeiros ônibus, fundação do Instituto Politécnico, começa o banho de mar<sup>38</sup>. Fora da capital, surgem novos Clubes de remo nas cidades de Laguna, Joinville, Blumenau e Itajaí.

As regatas passam a acontecer com regularidade, duas vezes por ano, nos meses de abril e novembro. A Federação Catarinense de Remo, que desde 1919 é filiada a

---

op.cit., p.95.

<sup>36</sup>*Sportivas*. A Festa do Martinelli. Jornal O Estado. 21 de novembro de 1918.

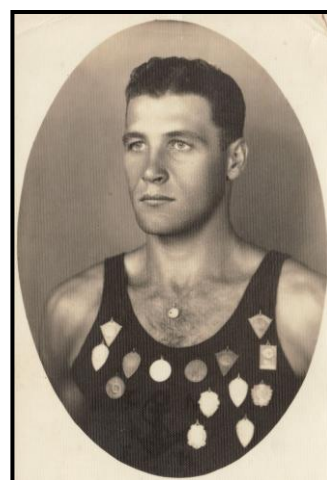
<sup>37</sup>COUTO, Décio. Entrevista concedida a Artur F. da Silveira e Henrique Espada. Florianópolis janeiro de 2006.

<sup>38</sup>FERREIRA, op.cit..

Confederação Nacional de Remo (no Rio de Janeiro) passa a regular as regras dos páreos. Os Clubes da capital intercalam as vitórias estaduais entre si, perdendo apenas nos anos de 1920/21 para o Clube Náutico Almirante Barroso, de Itajaí.

Os cadernos de regatas, reproduzidos por colaboração das gráficas, são lançados para que as torcidas e a sociedade, que acompanhavam as regatas pudessem anotar os nomes das *yoles* vencedoras e dos bravos *rowers*. Correspondências em nome da Federação são enviadas aos Clubes de todo o Estado. As cartas, com a logo da Federação, são encontradas orientações para disciplinar a prática do remo nos jovens das sociedades.

A Secretaria d’Estado dos Negócios do Interior da Justiça, em 1931, lança a campanha Anti-Alcoólica, sob a orientação da Liga Brasileira de Higiene Mental<sup>39</sup>, em todo o Brasil. A política de Getúlio Vargas, da disciplina, é lançada nos cadernos de regatas “Não há *sports* sem lealdade, disciplina e absoluta obediência aos juízes”. Os jovens moços e seus corpos enrijecidos pelo exercício saudável do



esporte são utilizados em propagandas do

Manoel Silveira  
 “Remar é robustecer o organismo; criar energias sãs, tornando o Corpo esbelto, o caráter firme e a alma nobre”<sup>40</sup>. Agora, o remo enaltece a pátria dos homens que serão os futuros “músculos de Adonis”.

É nesta década, em 1936, que ocorre as Olimpíadas de Berlim. Santa Catarina com a guarnição do Clube Náutico Riachuelo, Décio Couto, Orlando Ferreira da Cunha, Otávio



<sup>39</sup>Correspondências da Liga Náutica de Santa Catarina, 1931. Acervo Laboratório de História e Arte, UFSC.

<sup>40</sup>Programa nos cadernos de regatas 1930-1947. Acervo Laboratório de História e Arte, UFSC.

Lopes de Aguiar, Joaquim Ambrósio de Oliveira e Aurélio Costa Sabino, vence as eliminatórias nacionais e deixa de lado o Rio de Janeiro e seus tradicionais Clubes. Mas para a surpresa do Comitê Organizador Central das Olimpíadas, duas delegações são registradas, Santa Catarina e Rio de Janeiro. O ‘causo’ foi resolvido com a assinatura de Getúlio Vargas a favor da guarnição *4 com patrão* do Rio de Janeiro. O Clube “riachuelino”, já em Berlim, retornou só e com a lembrança de ter sido enganado pelos dirigentes do Clube Brasileiro de Desporto.

A II Guerra Mundial bateu nas portas da cidade. Muitos dos jovens remadores foram alistados e tiveram de deixar sua terra e seu mar. A Federação deixa de atuar e as regatas deixaram apenas lembranças de cantos, lencinhos ao vento com as cores dos Clubes e salões repletos de moçoilas a homenagear o *rowers* e suas *yoles*-meninas. Agora, os primeiros aterros aterraram consigo aquele vibrar pulsante da cidade<sup>41</sup>. O mar tornou-se mais distante, suas águas já não vinham mais lambar a orla da cidade...

#### Referências bibliográficas:

BORGES, Maury Dal Grande. Remando nas águas da história. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: 1. Notícia. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979.

\_\_\_\_\_. *Nossa Senhora do Desterro*: 2. Notícia. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. *Em busca do excitamento*. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Sergio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar – Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*. 255p. Tese de Doutorado, PPGH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole – São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

---

<sup>41</sup>SANTOS, Paulo C. dos *Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. 1997. Dissertação de Mestrado. PPGH, UFSC, Florianópolis, 1997. p. 44-47.

SILVEIRA, Arthur F. Histórias do Remo em Florianópolis, 1950-1970. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, UFSC, 2008.

SENNET, Richard. Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SANTOS, Paulo C. dos. *Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. 1997. Dissertação de Mestrado. PPGH, UFSC, Florianópolis, 1997.

VÁRZEA, Virgílio. Santa Catarina. A ilha. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

VEIGA, Elaine Veras. Florianópolis: Memória urbana. Florianópolis: Ed. da UFSC e Fundação Franclín Cascaes, 1993.